

# ***MEMÓRIAS DO CÁRCERE: ESPAÇO DE MEMÓRIA***

*Memórias do Cárcere: space of memory*

**Marisa Martins Gama-Khalil**  
**Lilliân Alves Borges**  
**UFU**

**Resumo:** *Memórias do cárcere*, obra do gênero autobiográfico, nos proporciona compreender como o autor na posição de um narrador-protagonista narra suas memórias de um determinado momento de sua vida. Este artigo possui o intuito de trabalhar como a elaboração das reminiscências dos espaços carcerários ajuda na construção da figurativização do autor na narrativa. Consideraremos esses espaços carcerários, conforme metodologia da Topoanálise, como espaços topofóbicos, ou seja, espaços marcados por sentimentos de aversão, ojeriza, hostilidade. Ainda nessa perspectiva, é possível também verificarmos não somente a representação da figura do autor-memorialista como também a representação do próprio país, especificamente, uma representação do Brasil durante a Ditadura Vargas, por meio dessa narrativa memorialística.

**Palavras-Chave:** *Memórias do Cárcere*, espaço, memória.

**Abstract:** *Memórias do Cárcere* is an autobiographical narrative which allows us to understand how the author, occupying the position of a narrator-protagonist, recounts his memories of a particular moment of his life. This paper aims to analyze how the elaboration of his reminiscences about prison spaces helps create the image in the portrayal of the author in the narrative. We consider, according to the methodology of Topoanálise, these prison spaces as topophobic spaces, i.e. those marked by feelings of aversion, detestation, hostility. Besides studying the representation of the memoirs-writer, this paper analyses the depiction of the country itself: the reflection of Brazil under the Vargas dictatorship on these memoirs.

**Keywords:** *Memórias do Cárcere*, space, memory.

Quando tocamos na época em que já não conseguimos imaginar os lugares, nem mesmo confusamente, chegamos também a regiões do passado que nossa memória não atinge.

Maurice Halbwachs (2006)

Conforme definição de Philippe Lejeune (2008, p. 58), uma autobiografia é uma “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. A partir dessa definição percebemos que a obra *Memórias do cárcere* possui as características estéticas do gênero autobiográfico propostas pelo autor citado: é uma narrativa em prosa construída por uma pessoa real, a qual narra sua vida individual, mais especificamente a experiência de prisão vivida pelo autor Graciliano Ramos durante a ditadura Vargas no Brasil, no período de março de 1936 a janeiro de 1937.

No período em que Graciliano Ramos foi preso, no Brasil, ocorriam várias mudanças políticas, tais como o avanço do Integralismo, a política fascista de Getúlio Vargas, entre outras. Todas essas mudanças proporcionaram inúmeras ações repressoras contra as pessoas consideradas contrárias ao governo centralizador e opressor de Getúlio Vargas.

Foi nesse período de grande conturbação política no Brasil que inúmeras pessoas foram presas, dentre elas: professores, militares, escritores, sendo que muitas dessas sem nenhuma acusação formal da polícia. Esse foi o caso vivido por Graciliano Ramos, conforme o mesmo relata em entrevista dada Homero Senna:

-Permaneci no cargo até 3 de março de 1936. Em 1933 Schmidt lançara Caetés, que eu trazia na gaveta desde muito tempo. Naquele dia do mês de março de 1936, porém, sem qualquer explicação, fui preso e remetido para o Recife, onde passei dez dias incomunicável. Depois fui metido no porão do “Manaus” e vim para cá. Tive dez ou doze transferências de cadeia.

-Qual o motivo da prisão?

-Sei lá! Talvez ligações com a Aliança Nacional Libertadora, ligações que, no entanto, não existiam. De qualquer maneira, acho desnecessário rememorar estas coisas, porque tudo aparecerá nas *Memórias da prisão*, que estou compondo.

-Foi assim, então que veio para o Rio?

-Foi. Arrastado, preso. (RAMOS in SENNA, 1977, p.53)

Passados aproximadamente dez anos de seu encarceramento, Graciliano Ramos resolveu narrar em seu livro, *Memórias do cárcere*, os fatos que ocorreram com ele durante sua prisão. A narração desses fatos e especialmente a descrição dos espaços carcerários que a figura do narrador-protagonista percorreu durante sua prisão nos permitirá entender como o autor resgata a imagem de si mesmo e do Brasil ao longo de toda a obra.

Dentro das perspectivas espaciais propostas pela Topoanálise, compreendemos que o espaço carcerário é um espaço topofóbico, isto é, quando a ligação entre o espaço e a personagem ocorre de maneira a gerar sentimentos negativos, como asco, aversão, repulsa, medo.

O conceito de Topoanálise foi cunhado por Gaston Bachelard em sua obra intitulada *A poética do Espaço*, publicada em 1957; e posteriormente expandido por Borges Filho em *Espaço & Literatura: Introdução à Topoanálise*: “A tal estudo, estamos chamando de topoanálise, aproveitando a sugestão de Bachelard, mas ampliando o sentido dado a esse termo pelo teórico francês” (BORGES FILHO, 2007, p.11). Topoanálise, na perspectiva bachelardiana, é o estudo da relação entre os espaços externos e os espaços internos; já na ampliação implementada por Borges Filho o termo abarca não só a perspectiva psicológica dos espaços, mas, sobretudo, a interpretação dos espaços literários sob a ótica da teoria literária, da sociologia, da filosofia e de outras áreas de conhecimento. Em nossa análise, utilizamos o conceito expandido proposto por Borges Filho.

O espaço prisional desde os primórdios de sua concepção é considerado um espaço gerador de mazelas e sentimentos disfóricos. É o que verificamos a partir do estudo do geógrafo Yi-Fu Tuan sobre o assunto:

Frequentemente as celas eram úmidas e o chão chegava a estar coberto com vários centímetros de água. As prisões não tinham chaminés, nem lareiras, nem camas, mas feixes de palha, e estes passavam tanto tempo sem que fossem trocados que exalavam “um bafo repugnantes”. (TUAN, 2005, p.310)

O medo era de uma podridão indefinida tanto física quanto moral. Acreditava-se que a violência e degradação das prisões e asilos produziam um ar nocivo que podia ser sentido a centenas de metros de distância. (TUAN, 2005, p.310)

A descrição realizada por Tuan nos trechos anteriormente citados demonstram a imagem das prisões que existiram na Europa por volta de 1700, descrevendo como eram esses espaços prisionais, ou seja, não possuíam entrada de ar, o que proporcionava uma temperatura muito quente; não havia camas; e todo o espaço do chão das celas era encoberto de água e urina. Essa descrição de Tuan expõe como historicamente foi criado o medo não somente das prisões, mas também de outros ambientes de reclusão, como os asilos, hospitais, manicômios, pois nesses locais nada de positivo era esperado, a não ser destruição física e moral. Além da reclusão, que por si só gera o medo, o ambiente é de total abjeção.

Assim, percebemos que o medo do espaço do cárcere atravessou o tempo, devido as suas condições precárias. O resultado de tais condições gerou todo um processo de dessubjetivação e

de massificação dos encarcerados, que em determinados casos percebiam-se transformados em animais.

Os sentimentos de nojo, aversão e medo permeiam a relação estabelecida entre o narrador-protagonista e o espaço ao longo de toda a obra *Memórias do cárcere*:

Cansava-me, aborrecia-me dos filamentos invariáveis, dos reflexos na onda, tirava-me dali, passeava aos tombos, as pernas entorpecidas, reacostumando os olhos piscos a magotes agachados na sombra. Voltava o calor medonho. Não era, com precisão, calor: era abafamento. Insuficiência de ar para tantos pulmões. Os grupos arquejavam, tossiam, engrossavam debaixo da escotilha. Metido na roupa leve, mexia-me devagar, cautelosamente. Não me arriscaria a calçar chinelos: conservava os sapatos, e, embora tivesse os pés resguardados, repugnava-me em certos pontos encostar as solas na tábua: andava sobre os calcanhares, banzeiro como um papagaio, receoso de pisar nas imundícies, cada vez mais abundantes. As cascas de frutas, restos de comida, detritos de toda espécie, aumentavam. Aquela gente escarrava no chão, vomitava no chão; a um canto, perto da escada, havia sempre alguns indivíduos de costas, molhando a parede; corria desse mictório improvisado um filete que desaguava no charco movediço. A vaga se avolumava, prometia varrer o soalho inteiro, a evaporação nos afligia com o horrível fartum, sem descontinuar. Nenhum escoadouro. (RAMOS, 1979, p.142)

O excerto supracitado relata um dos momentos vividos pelo narrador-protagonista no porão do navio Manaus e essa descrição vai ao encontro das características citadas por Tuan sobre as prisões europeias de 1700, onde todos os tipos de imundícies compunham o espaço e os presos tinham que aprender a conviver com essa degradação, até mesmo se comportando como animais, de acordo com a passagem: “andava sobre os calcanhares, banzeiro como um papagaio”. Notamos que o comportamento do narrador-protagonista é comparado ao de um papagaio, na medida em que ele anda cambaleando de um lado para o outro, tentando evitar pisar nas sujeiras que estavam no chão do navio. Tal processo de zoomorfização, como evidencia o narrador-protagonista, é construído por meio de sua inserção em um espaço desfavorável à existência e experiência humanas: grupos humanos amontoados, detritos e restos de comida, escarros, vômitos, fezes, urina espalhados por todo o espaço, impedindo a locomoção de um homem e tendo como consequência sua animalização.

Nesse sentido, ao analisarmos como o protagonista compõe a construção dos espaços carcerários topofóbicos em *Memórias do cárcere*, identificamos uma relação geradora de sentimentos disfóricos, e assim conseguimos verificar que o modo como o narrador-protagonista elabora a memória desse espaço topofóbico acaba resgatando a figura do autor, Graciliano Ramos, uma figura que representa e deixa marcas de um contexto histórico e de si mesmo. Dessa forma, entendemos que a topofobia pode ser compreendida como um biografema, “uma vez que este é

um procedimento de pulverização do sujeito que o autor elabora para reencontrar-se” (GAMA-KHALIL, 2013, p.256).

Compreendemos, pois, que esse modo de materialização da figura do autor em *Memórias do cárcere* pode ser interpretado por intermédio da noção de biografema cunhada por Roland Barthes: “Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de “biografemas”; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia” (BARTHES, 1984, p.51); ou seja, assim como a fotografia pode ser entendida como um pequeno recorte da História, os biografemas são pequenos flashes, recortes da vida de um sujeito. Apreendemos, então, que os biografemas não nos dão “a” imagem do sujeito biografado (ou autobiografado), pelo contrário, porque uma imagem integral recolhida da memória é impossível de ser constituída. O sujeito, portanto, pelos biografemas, encontra-se pulverizado em seus escritos; mostra-se e apaga-se, revela-se não por uma linearidade e uma simetria, e sim de forma enviesada e labiríntica, pelos flashes de si que recolhe de suas memórias. É possível, portanto, identificarmos “flashes” da figura do autor ao longo da narrativa aqui analisada, por meio da descrição de suas memórias dos espaços carcerários. Logo, constatamos que Graciliano Ramos reflete e é refletido nesse espaço toposfóbico, ou seja, ao narrar suas memórias desses espaços carcerários é rememorada a sua experiência e concepção de mundo.

Os gradientes sensoriais (BORGES FILHO, 2007) são ativados pelo narrador-protagonista para perceber o espaço e desvelar a escrita da memória. Seu corpo inserido no espaço sente as adversidades e é, então, pelos seus sentidos que experimenta sensações ruins: visuais (“reacostumando os olhos piscos a magotes agachados na sombra”); olfativas (“insuficiência de ar para tantos pulmões”, “a evaporação nos afligia com o horrível fartum”) e táteis (“voltava o calor medonho”, “repugnava-me em certos pontos encostar as solas na tábua: andava sobre os calcanhares”). Os sentidos, desta forma, constroem o entorno do narrador-protagonista e, por meio deles, a memória é incitada, reconfigurada.

Um dos pontos relevantes em que encontramos a figura do autor projetada na tessitura narrativa é a partir da concepção a respeito do sistema capitalista que é difundida em *Memórias do cárcere*, ou seja, um sistema marcado pela desigualdade social, em que os seres humanos são apenas parte de um sistema de produção e, conseqüentemente, são enxergados como animais, sem liberdade, subjugados aos seus patrões (donos do capital), os quais são os proprietários

desses seres humanos, e é por isso que Graciliano Ramos deseja o fim do sistema capitalista, da figura do proprietário. É o que destacamos nos trechos da obra analisada:

Simples rebanho, apenas, rebanho gafento, na opinião de nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam. (RAMOS, 1979, p.121)

Agora já não éramos pequeno rebanho a escorregar num declive: constituíamos boiada numerosa; à ideia do banheiro carrapaticida sucedeu a de um vasto curral. (RAMOS, 1979, p.121)

Efetivamente não tinha lembrança, mas ambicionara com fúria ver a desgraça do capitalismo, pregara-se alfinetes, únicas armas disponíveis, via com satisfação os muros pichados, aceitava as opiniões de Jacob. [...] Não me repugnava a ideia de fuzilar um proprietário por ser proprietário. Era razoável que a propriedade me castigasse as intenções. (RAMOS, 1979, p.45)

O que leva o narrador-protagonista a expor sua visão acerca do capitalismo é o espaço abjeto e a decorrente constatação de como os seres humanos facilmente animalizam-se diante de contextos disfóricos. Ele compara a imagem dos presos à figura de um gado imundo confinado em um curral, sendo que estão enclausurados porque podem contaminar os outros animais, ou melhor, as outras pessoas; pois aqui a contaminação não é de uma doença física e sim uma contaminação e proliferação de uma ideologia que quer destruir o sistema opressor, em que o país vivia. Por isso, Graciliano Ramos justifica, de certa forma, a sua prisão, pois ele desejava “a desgraça do capitalismo” e o término da figura do proprietário.

Bem similar ao homem em condição subumana retratado em *Vidas secas*, temos também a narração da condição degradante do homem, que é proporcionada pelo espaço da prisão em *Memórias do cárcere*. É o cárcere da ditadura e não mais a seca do Nordeste o espaço topofóbico que zoomórfica os humanos, contudo nos dois espaços há um elemento gerador do mal-estar: o capitalismo.

Entendemos que esse processo de animalização do ser humano provocado pelo espaço disfórico do porão do navio em *Memórias do cárcere* é ressaltado na narrativa a fim de delinear a postura afeita de Graciliano Ramos por justiça social, segundo a voz de Clara Ramos (1979, p. 108):

Criticava com severidade a estrutura social do Brasil de seu tempo. O regime de trabalho e de ganho vigente no Nordeste, de onde era originário, o escandalizava e revoltava, por entender que o homem humilde, da classe inferior, era impunemente explorado.

Portanto, ao narrar os espaços disfóricos da prisão, Graciliano Ramos não se isenta de expor, por meio de uma escrita autobiográfica e literária, suas preocupações com o homem mais humilde, que é explorado dentro de um sistema econômico e, coerentemente com a estrutura narrativa de *Memórias do cárcere*, com o Estado opressor que o encarcerou.

As memórias do autor são incitadas a partir do espaço topofóbico e isso pode ser amparado pelas reflexões de Maurice Halbwachs, que defende a ideia de que a memória coletiva se vincula necessariamente a um contexto espacial, porque o “espaço é uma realidade que dura”, por isso “não há grupo [...] que não tenha alguma relação com o lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 270). São os espaços topofóbicos, que vivenciou na prisão, as molas propulsoras de Graciliano Ramos para o seu reencontro com aquela experiência nefasta e para a sua reflexão acerca das iniquidades que sofreu e também das injustiças que outros sofrem.

O enredamento de *Memórias do cárcere* nos permite perceber como Graciliano Ramos deixa marcas de si, de suas convicções, pois sua produção literária reflete seus pensamentos e suas emoções, as quais representam a voz dos marginalizados, dos injustiçados, dos trabalhadores rurais e urbanos, os quais são explorados pelos seus patrões.

Conforme Ruy Facó (1945), a prisão proporcionou a Graciliano Ramos uma oportunidade de pensar mais ainda nas desigualdades sociais advindas do capitalismo e o fez lutar contra as condições precárias de trabalho do proletariado. As outras narrativas de Graciliano Ramos atestam também essa visão, mesmo não possuindo um foco autobiográfico como em *Memórias do cárcere*, observamos em *Vidas secas*, por exemplo, uma demonstração das condições semifeudais vivenciadas pelo povo do nordeste do Brasil.

Outras passagens relevantes da obra mostram como a figura de Graciliano Ramos está nas memórias construídas pela topofobia espacial, conforme abaixo:

Logo ao clarear o dia, saltei do estrado, busquei o vizinho do compartimento inferior, para agradecer-lhe os fósforos, e percebi um caboclo baixo, membrudo, hirsuto, a camisa de algodão aberta, deixando ver um rosário de contas brancas e azuis misturados à grenha que ornava o peito largo. Esse instrumento devoto me produziu a hilaridade:

- O senhor usa isso, companheiro?

O sujeito endureceu a cara, deitou-me o rabo do olho, formalizou-se e grunhiu:

- Quando a nossa revolução triunfar, ateus assim como senhor serão fuzilados.

Esqueci os agradecimentos e afastei-me a rir, dirigi-me ao ponto onde, na véspera, tinha ouvido o rapaz de casquete: esperava tornar a vê-lo, pedir informações a respeito do estranho revolucionário. Logo soube que se chamava José Inácio e era beato. Homem de religião, homem de fanatismo, desejando eliminar ateus, preso como inimigo da ordem. Contrassenso. Como diabo tinha ido ele parar ali? Vingança mesquinha de político da roça, denúncia absurda, provavelmente – e ali estava embrulhado um eleitor

recalcitrante, devoto bisonho do Padre Cícero. Com certeza havia outros inocentes na multidão, de algumas centenas de pessoas. (RAMOS, 1979, p.130 131)

O trecho citado mostra-nos o ateísmo exposto no discurso do narrador-protagonista, no qual se projeta a figura do autor Graciliano Ramos. Para ele a revolução e a busca pela igualdade social não coincidem com uma postura religiosa. Assim, a presença de um homem de religião naquele espaço destoa de todo o sistema opressor da prisão. Percebemos esse posicionamento ideológico no momento em que Ramos se dirige ao homem para agradecer-lhe, por ter fornecido cigarros a noite toda; e acaba zombando do mesmo ao perceber que se trata de um religioso. Nesse caso, todo o senso de respeito e agradecimento é esquecido por Graciliano Ramos em função de sua posição ideológica. Para Ramos, portanto, a desigualdade social proporcionada pela sociedade capitalista destruiu a possibilidade de qualquer crença e religiosidade, conseqüentemente a luta pela igualdade social também impossibilita essas crenças. É o que constatamos nas palavras de Coutinho (1977):

Por outro lado, estabelecendo uma sociedade rigidamente individualista, dilacerada pela luta de todos contra todos pelo lucro e pela riqueza pessoal, esta formação social fracionou a comunidade humana, destruiu a solidariedade e a fraternidade, condenando os homens a uma vida solitária e individualista. Qualquer transcendência – seja religiosa, seja histórico-social – é destruída: os valores desaparecem no céu vazio do homem burguês. O sentido da vida – outrora dado ou pela participação na comunidade humana (como na Antiguidade clássica), ou pela crença em dogmas religiosos (como na Idade Média) – é agora uma busca individual e solitária, voltada para valores mediatos e problemáticos. (COUTINHO, 1977, p.77)

Há naquele espaço prisional a tensão entre os encarcerados, desvelando posições contrárias advindas da opção religiosa, conforme se constata na seguinte fala do preso religioso: “Quando a nossa revolução triunfar, ateus assim como senhor serão fuzilados”. O personagem que encarna a figura de Graciliano Ramos é um ser marcado pela diferença em função do seu ateísmo. Michel Foucault explica, em um ensaio sobre a prisão, que desde o século XIX houve campanhas de cristianização no fito de “constituir o povo como um sujeito moral, portanto separando-o da delinquência, portanto separando nitidamente o grupo de delinquentes, mostrando-os como são perigosos não apenas para os ricos, mas também para os pobres” (FOUCAULT, 2015, p. 218). Mesmo unidos em um mesmo espaço de reclusão, o preso religioso - sujeito moral - considera-se superior a Graciliano Ramos, na medida em que este é ateu.

A postura de descrença quanto à religiosidade e qualquer tipo de crença nos possibilita entender, por meio da narrativa memorialista de Graciliano Ramos, uma representação da imagem do Brasil, um país dividido entre os que têm a crença cristã e os que não têm: “Triam Dr.

Sindrônio e Luccarini, meus companheiros de trabalho, passar vexame por minha causa? Não. Dr. Sindrônio era católico, não escrevia como eu, livros perigosos nem se gastava em palestras inconvenientes nos cafés” (RAMOS, 1979, p. 39).

É possível verificar, dessa forma, uma imagem do Brasil nos anos 30, quando havia uma política tradicionalista, a qual possuía em sua base a defesa de uma sociedade estruturada a partir da religião, ou seja, aqueles indivíduos que não eram católicos eram perseguidos e fichados como sendo um “perigo” para o governo; por isso a perseguição contra todas as pessoas que não possuíam religião. Yi-Fu Tuan (2005) lembra que as sociedades criam seus espaços de exclusão por acreditarem que nunca estão livres da ameaça da anarquia, da rebeldia. Por isso, baniram os loucos e os vagabundos, os pobres e desarraigados. No caso de *Memórias do cárcere*, a rebeldia era uma realidade temida pelo governo em função da oposição de ideologia política; logo os presos, segregados do convívio de suas famílias, eram todos aqueles que se opunham à ditadura militar, sendo pobre, rico, analfabeto, escritor, religioso ou ateu.

Além disso, Graciliano Ramos tinha um agravante: era escritor e como tal possuía ideias e ideais, que eram expressas sem nenhum tipo de pudor ou eufemismo; pelo contrário é o exagero, a hipérbole, que predomina. Na verdade, ele colocava tudo no papel, pois para ele a literatura e a vida deveriam estar uma a serviço da outra, isto é, o escritor só poderia e deveria escrever aquilo em que acreditava, baseado naquilo que viu e/ou presenciou. A forma de resistência que encontra é a sua escrita.

Michel Foucault (2012, p. 114) defende que a “prisão cria o perigo” porque impulsiona a violência e, sendo assim, é necessário escapar dela: “ninguém deve se fazer cúmplice daqueles que o expõem voluntariamente a tornar-se perigoso”. Em seus escritos, Graciliano Ramos não só leva o seu leitor a refletir sobre esse estado desumano de fatos relacionados ao cárcere, como os mobiliza a pensar sobre as iniquidades causadoras da clausura, especialmente aquela motivada pela oposição ao ideal político de uma dada época.

Graciliano Ramos apresenta o espaço da prisão por meio de cores, formas e imagens que se constituem pelas hipérboles e pelo grotesco, imprimindo a possibilidade de lermos como grotesca também a sociedade da época, que estabelece dicotomias pautadas na política e na religião, dicotomias essas geradoras de uma profunda falta de justiça e de humanidade.

No início de entrevista dada a Homero Senna, atestamos também a postura incrédula de Graciliano Ramos, que não acredita em Deus e desconfia de tudo:

Abro o volume, para conferir, e, entre outras coisas, lá encontro este perfil psicológico do velho Ramos, traçado pelo filho: “Tinha imaginação fraca e era bastante incrédulo. Aborrecia os ateus, mas só acreditava nas contas-correntes e nas faturas. Desconfiava dos livros, que papel aguenta muita lorota, e negou obstinadamente os aeroplanos. Em 1934 considerava-os duvidosos...” (In: SENNA, 1977, p. 46)

Ainda revelando os biografemas, nos quais Graciliano Ramos sugere marcas de si entranhadas ao espaço descrito na narrativa que elabora, o narrador-protagonista faz uma análise da situação e das pessoas ao seu redor, por meio de uma reflexão interna, expondo-nos, assim, sua individualidade e sua solidão em meio a uma multidão de pessoas. Além disso, constatamos que Graciliano Ramos, em suas lembranças, constrói o medo, não só seu, mas também dos outros personagens que estão dividindo com ele o cárcere; pois é um momento de opressão e qualquer palavra dita ou entendida erroneamente pode gerar o agravamento da situação de uma determinada pessoa. Entendemos que por isso Graciliano Ramos, que era uma pessoa introspectiva, fazia diversas autoanálises e também análises do mundo e das pessoas que o cercavam. Conseguimos atestar essa questão, a partir do trecho da obra:

Alguém cochichou-me, atraiu-me a um canto; ouvi o nome de Miguel Bezerra, um moço de casquete, moreno e magro, que se pôs a falar com abundância. No começo não entendi o que ele dizia, recorro somente uma declaração repetida:

- Não somos comunistas.

Bem, eu os supunha vagabundos; surgiam-me dúvidas agora.

- Onde vêm os senhores?

Tinham embarcado no Rio Grande do Norte.

- Mas não somos comunistas,

- Perfeitamente.

Por que a insistência? Entrei a conversar – e logo duas surpresas me assaltaram: Miguel parecia alegre, as minhas palavras soavam-me aos ouvidos como se fossem pronunciadas por outra pessoa. Doidice rir em semelhante inferno. Ou então me sensibilizara em demasia, os horrores que estivera a desenvolver tinham existência fictícia. Possivelmente o meu enjoo e a raiva do Capitão Mata provinham da mudança repentina: se nos houvessem feito percorrer escalas, não nos abalaríamos tanto. Lembro-me de ter firmado isto mentalmente. De qualquer modo nos arranjaríamos, chegaríamos a um porto. Assim falava no interior, e dizia coisas diferentes, pausadas, maquinais, pareciam gravadas num disco de vitrola. Deviam ter significação, pois o diálogo se prolongou, mas não me seria possível reproduzi-lo. A declaração inicial voltava com frequência:

- Não somos comunistas.

Porque inocentar-se? A certeza de que estavam ali os revoltosos de Natal acirrou-me a curiosidade, embora não me arriscasse a pedir informações ao desconhecido cauteloso. (RAMOS, 1979, p.123 e 124)

No trecho supracitado temos marcas de que Graciliano Ramos analisa mentalmente a situação em que se encontra no momento em que estão chegando ao porão do navio os

revoltosos de Natal, estabelecendo com eles um diálogo. Esse diálogo é atravessado por flashes introspectivos, pedaços de fluxo de consciência, como notamos nos enunciados: “lembro-me de ter firmado isto mentalmente” e “assim falava no interior”. Desnuda-se, assim, que Graciliano Ramos era um sujeito que observava “o mundo objetivo visto através do prisma da alma humana: mundo fragmentado, distorcido, dissolvido em emoções e sensações” (COELHO, 1977, p.72).

Ainda pelo entendimento de Nelly Novaes Coelho (1977, p. 72), podemos perceber que “por isso numa coletividade, os homens parecem misturar-se, ligar-se, mas não se misturam, não se ligam. Permanecem isolados e no meio dessa solidão, a alma do homem que pensa, analisa e reflete deve ser ainda mais isolada do que outras”. É dessa forma que captamos a imagem de Graciliano Ramos no trecho da obra supracitado, ou seja, um ser que, em meio a uma multidão, não consegue ligar-se a ela, pois, mesmo que aparentemente o protagonista esteja em meio a um diálogo, ainda sim é um ser diferente, que se isola em seus próprios pensamentos e reflexões acerca de si mesmo, do outro e da situação em que se encontram.

Conseguimos perceber em outra passagem da obra que Graciliano Ramos expõe a representação do Brasil em suas reminiscências:

Á hora do café abri um jornal do Recife e li, em telegrama do Rio, a notícia arrasadora: Prestes havia sido preso na véspera.

-Com todos os diabos!

Eu não tinha opinião firme a respeito desse homem. Acompanhara-o de longe em 1924, informara-me da viagem romântica pelo interior, daquele grande sonho, aparentemente frustrado. Um sonho, decerto: nenhum excesso de otimismo nos faria ver na marcha heroica finalidade imediata. Era como se percebêssemos na sombra um deslizar de fantasma ou sonambulo. Mas essa estranha figura de apóstolo disponível tinha os olhos muito abertos, examinava cuidadosamente a vida miserável das nossas populações rurais, ignorada pelos estadistas capengas que nos dominavam. Defendia-se com vigor, atacava de rijo; um magote de vagabundos em farrapos alvoroçava o exército, obrigado a recorrer aos batalhões patrióticos de Floro Bartolomeu, ao civismo de Lampião. Que significava aquilo? Um protesto, nada mais, se por milagre a coluna alcançasse vitória, seria um desastre, pois nem ela própria sabia o que desejava. Sabia e que estava tudo errado e era indispensável fazer qualquer coisa. (RAMOS, 1979, VOL. I, p.79)

No excerto anterior há a exposição de um relevante momento histórico do Brasil, a Coluna Prestes, um movimento político liderado por Carlos Prestes, em que a tônica era percorrer o interior do Brasil fazendo propaganda contra do governo federal, relatando as injustiças sociais e a necessidade de reformas políticas.

É pertinente entendermos, também, como Graciliano Ramos rememora em sua subjetividade a figura de Carlos Prestes e da Coluna Prestes, ou seja, um movimento liderado por

um tipo de missionário que pregava uma política divergente da política instituída. O modo como Carlos Prestes estava lutando por mudança na estrutura social do país, para Graciliano Ramos, era apenas uma ação onírica, pois os revolucionários da Coluna Prestes somente sabiam que a política brasileira não ajudava aos mais desvalidos e nem dava liberdade (política, religiosa, ideológica) às pessoas; porém não sabiam como promover as mudanças políticas-sociais necessárias para se obtivesse um país mais justo.

Ainda no excerto citado temos a rememoração de duas importantes figuras que permearam o cenário da história brasileira durante os anos 30: Floro Bartolomeu e Lampião. Ambos são importantes para mostrar a representação do movimento empreendido pela Coluna Prestes, pois quando essa avançou para o território do estado do Ceará, Floro Bartolomeu, deputado e médico, fora incumbido de proteger o Estado contra o perigo do avanço da ideologia da Coluna Prestes e para isso, enviou uma carta a Lampião para que esse se juntasse, numa luta armada, contra a ameaça que invadia o interior do país.

Relevante notar que, até então, Lampião e o cangaço eram uma ameaça que se instalou no interior no país; porém, após o avanço da Coluna Prestes, aquele tornou-se um aliado para combater um inimigo muito mais forte e perigoso: o comunismo. Dessa forma, compreendemos as potencialidades da narrativa memorialística empreendida por Graciliano Ramos, pois ele consegue, por meio de suas reminiscências, revelar uma figurativização de sua imagem e de um Brasil marcado pelo fascismo e pelo totalitarismo.

No início da sua reflexão sobre a escrita de si, Michel Foucault assinala questões que têm muita correspondência com as memórias escritas pelo escritor Graciliano Ramos em seu período de cárcere. Essas questões se ancoram em duas práticas: a da *anacorese* e a da *ascese*. A primeira, em um sentido cristão, relaciona-se à ideia de retiro, afastamento, isto é, vida retirada do mundo; e a segunda postula, de acordo com a filosofia grega, procedimentos compostos por práticas que se caracterizam pelo autocontrole do corpo e do espírito. Foucault (2006, p. 145) afirma que a escrita de si se constitui pela sua “relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível”; e se articula, movida pela ascese, ao “trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento”. Na prisão, o autor das *Memórias* exercita sua escrita para entender seu isolamento forçado, situando essa experiência de clausura sob a ótica de uma possibilidade de perspectiva e, nesse processo, sua escrita procura partir de uma focalização sobre o espaço opressor, imundo,

injusto e nauseante para ir a fundo a seus pensamentos, abrangendo-se intimamente. Tanto é que ele descreve seus pensamentos, destrinchando-os, decompondo-os, de forma a tentar compreender-se e entender inclusive suas atitudes e pensamentos mais radicais e talvez até não tão justos, como foi o caso de seu comportamento com o preso religioso e com Miguel Bezerra. Desnuda-se pela escrita e nesse ato procura conhecer seus medos e preconceitos, que não só lhe são internos, mas externos, porque eles relacionam-se a atos efetivos praticados por ele. Escrevendo uma imagem de si, escreve a do seu entorno, a prisão imunda, e do seu país, com todas as dicotomias e paradoxos.

Foucault (2006) expõe os procedimentos de uma das formas da escrita de si, os *hupomnêmata*, livros de vida, cuja função não seria apenas um suporte à memória ou uma forma de preencher as lacunas da memória. Retomando Sêneca, Foucault esclarece que esses registros de si não devem ser “simplesmente colocados em uma espécie de armário de lembranças, mas profundamente implantados na alma [...] e que assim façam parte de nós mesmos” (FOUCAULT, 2006, p. 148). Por isso o autor de *Memórias do cárcere* articula-se a si, escava sua consciência. No entanto, essa arqueologia de si, interna, é mobilizada pelo “fora”, pelo espaço que o rodeia. São os espaços topofóbicos que dão o suporte para o exercício dessa escrita como compreensão de si. E foi por meio deles e pelas noções vinculadas à topoanálise que pudemos compreender como os espaços carcerários, marcados pela topofobia, foram potencialmente importantes para o enredamento da obra analisada, visto que, através deles, o narrador-protagonista reinsereu-se naquele contexto e alavancou o enredamento de sua obra, (re)elaborando uma figura de si, pelos biografemas, assim como também de suas concepções de mundo e do seu país.

## Referências

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e leitura: Introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica & Editora, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. *Solidão e luta em Graciliano*. In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Graciliano Ramos*. In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- FACÓ, Ruy. *Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC*. In: Conversas. Thiago Mio Salla, Ieda Lebensztayn (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2014.

- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos VIII: Segurança, penalidade e prisão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *A Casa do Avô em Por Parte de Pai: Espaços de horror, de escrita e outros espaços*. Anais do Cena. Vol. I. Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: Confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Vol. I. São Paulo: Record, 1979.
- SENNÁ, Homero. *Revisão do Modernismo* In: BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do Medo*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

### Marisa Martins Gama-Khalil

---

Professora Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra; Docente do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia; Pesquisadora do CNPq; Líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas; E-mail: [marisa.gamakhalil@pq.cnpq.br](mailto:marisa.gamakhalil@pq.cnpq.br).

### Lilliân Alves Borges

---

Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista CAPES. Pós-Graduada no curso "Lato Sensu" Especialização em Crítica Literária e Ensino de Literatura pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM (2009); E-mail: [lillianborges85@gmail.com](mailto:lillianborges85@gmail.com)

*Recebido em 15 de fevereiro de 2015.*

*Aceito em 20 de abril de 2015.*